

EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS: A EXPERIÊNCIA DO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA E DO MST

Yáscara Michele Neves Koga - Unoesc
Kassiane Schwingel - Unoesc

Eixo Temático: Educação, diversidade e justiça social

Agência Financiadora: não contou com financiamento

RESUMO

O presente artigo propõe-se a discutir a organização da educação no Assentamento Conquista na Fronteira, ligado ao Movimento dos Sem Terra (MST). Inicialmente quer-se demonstrar como o movimento social do MST tem atuado em relação à educação e quais as políticas por ele cobradas para a educação no campo. Para teorizar esta experiência prática, buscam-se conceitos da tendência progressista-libertadora, especialmente em Paulo Freire. O objetivo é estabelecer ligações entre as ideias freireanas, como educação para a liberdade e educação para a autonomia, com a prática recorrente na educação do Assentamento Conquista na Fronteira. A partir disso, será relatada a atuação da cooperativa que está no assentamento, e também é responsável pelo apoio à educação, buscando-se compreender de que forma esta atua em relação à educação e qual a sua importância para a manutenção da organização educacional. Destaca-se a educação no assentamento como um projeto coletivo, que visa contrapor-se ao individualismo característico de nossa sociedade. Não se quer neste trabalho estabelecer um julgamento de valor em relação às práticas educativas do Assentamento, mas sim reconhecer as características que às definem como uma proposta diferenciada de educação, além de demonstrar como estas podem contribuir para o alcance da justiça social.

Palavras-chave: Educação. Movimento dos Sem Terra. Coletividade.

1 INTRODUÇÃO

A temática da educação nos movimentos sociais vem sendo estudada há algum tempo, porém por um grupo ainda bastante restrito de pesquisadores. Quando se fala de Movimento dos Trabalhadores Sem Terras (MST) percebe-se uma proposta bastante estruturada para a educação, embora grande parte da sociedade nacional a desconheça.

A proposta de educação deste movimento social merece destaque, pois revela um caráter bastante diferenciado da educação nos moldes regulares atuais. Muitos aspectos que estão nas propostas curriculares nacionais, como a integração entre as

diversas áreas do conhecimento e entre a escola e a vida cotidiana, e não conseguem ser postas em prática em muitas escolas, são notadamente vivenciados nas escolas do MST.

A própria vivência como assentado só encontra sentido em uma educação que vá além da sala de aula e a própria sala de aula faz parte de um processo maior de cidadania.

Mas apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão se nós também não democratizarmos o conhecimento, se não tivermos acesso à educação. É por isso que nós do Movimento Sem-Terras compreendemos que existe um casamento necessário entre a conquista das terras e a conquista da educação. (STÉDILE, apud CALDART, 1997, p.25)

Nesse sentido, busca-se neste texto descrever a forte influência do MST sobre a educação no campo, revelando o tratamento de prioridade dado à educação. Após isso, são usados conceitos e idéias de dois autores: Paulo Freire e István Mészáros. Com isso, reconhece-se a base teórica dessa proposta de educação e seu caráter inovador, a medida que não busca apenas adequar-se à sociedade atual, mas sim ir além de sua lógica de mercado.

Após isso, destaca-se o projeto de educação posto em prática no Assentamento Conquista na Fronteira, de Dionísio Cerqueira- SC. O grande destaque neste local é que a educação passa a ser vista como um projeto da coletividade, vivenciada por todos os integrantes do assentamento e reconhecida como um instrumento de continuidade. Porém, além de conhecer como a educação acontece no Assentamento Conquista na Fronteira, busca-se compreender as condições encontradas dentro e fora da escola para que este projeto seja desenvolvido.

2 MST E EDUCAÇÃO NO CAMPO

A educação vinculada aos movimentos sociais não é uma característica exclusiva do Movimento dos Sem Terra, nem pode ser encontrada de forma clara em todos os assentamentos de tal movimento. Porém, a preocupação deste movimento social com as questões ligadas à educação é visível, estabelecendo as lutas do movimento em relação à educação no campo. São elas:

- Lutar para acabar com o analfabetismo nos acampamentos/ assentamentos
- Universalizar o acesso à escolarização das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, ampliando a rede de escolas públicas em todos os assentamentos
- Realizar jornada de lutas na esfera municipal, estadual e regional, para garantir o acesso à escola pública
- Garantir o acesso às universidades e lutar para que tenha cada vez mais universidades construídas em territórios camponeses.
- Campanha Nacional contra o fechamento e pela construção de Escolas do Campo. Tendo em vista o grande número de fechamentos de escolas principalmente no campo, tomamos a decisão de desenvolver, em nível nacional, uma ampla campanha
- Que as escolas do campo devem ser no campo e que tenham todos os níveis e as modalidades de ensino
- Que as escolas sejam construídas com bibliotecas, áreas de esporte, cultura, lazer e informática.¹

Percebe-se que as preocupações do Movimento estão muito ligadas à necessidade de preparar seus integrantes para a vida na sociedade capitalista, buscando igualdade nas oportunidades. Além disso, a defesa da escola do campo é bastante forte, por esta ser reconhecida como uma forma diferenciada de educação.

Porém, as escolas ligadas ao Movimento dos Sem Terra possuem como grande característica a proposta de uma educação que não se limite à adequação à sociedade capitalista, mas sim que propunha um modelo alternativo de sociedade e de relações humanas. Destaca-se neste contexto a tendência progressista-libertadora, que visa uma educação de autonomia e liberdade.

Nesse sentido, o Movimento dos Sem Terra concorda com autores importantes do cenário nacional e internacional, como Paulo Freire e István Mészáros, estabelecendo como prioridade uma educação para além da sociedade capitalista em que vivemos, buscando fugir da lógica de mercado que já faz parte de nossa educação.

2.1 A BASE TEÓRICA DE FREIRE E MESZÁROS NO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA DO MST

A política de educação do MST revela uma base teórica bastante sólida e consciente. A partir das ideias de Paulo Freire e István Meszaros, busca-se reconhecer as características dessa educação, que se mostra voltada para a coletividade e não para a individualidade. O Assentamento Conquista na Fronteira desponta como um foco de

¹Disponível em <http://www.mst.org.br/Conheca-as-linhas-gerais-da-luta-do-Movimento-pela-Educacao-do-Campo>

pesquisa interessante, pois possui vínculo direto com o MST, tendo uma escola consolidada e apoio para todos os níveis de ensino.

Inicialmente, é importante reconhecer o papel da educação escolar como fonte de debate e espaço de participação. Principalmente quando está se falando de movimentos sociais, responsáveis pelo incentivo do debate público.

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. Vale dizer, uma educação que longe de se identificar com o novo clima para ajudar o esforço da democratização, intensifique a nossa experiência democrática, alimentando-a. (FREIRE, 1996, p.101)

Uma escola com a base teórica freireana não pode ignorar o contexto social em que está imersa, nem deixar de reconhecer a influência da escola no contexto local. Nesse sentido, István Mészáros (2005, p.25) explica que “Uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança.”

Nesse mesmo sentido, a ideia de Paulo Freire reforça a importância do trabalho a partir da realidade e sobre a realidade. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (Freire, 1996, p.104). Esta preocupação é nitidamente reconhecida na proposta da Escola Construindo o Caminho, no Assentamento Conquista na Fronteira, pois mostram a inferência na realidade como uma função social da escola.

Porém, o grande diferencial teórico e também prático da educação no Assentamento é o não limitar-se ao trabalho com a realidade da sociedade capitalista, partindo para as questões além daquelas colocadas como prioridades pela sociedade contemporânea. Assim, a educação apoiada pelo MST está na contramão do que a sociedade conhece há algum tempo.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar

e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. (Mészáros, 2005, p.35)

Pensar uma educação para além dos interesses mercadológicos ou econômicos é um desafio, mas sempre aceito pelo movimento. Busca-se valorizar as relações interpessoais e o comprometimento com um mundo diferente, baseando-se na ideia de que “É uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do *mercado*.” (FREIRE, 1996, p. 112).

Porém, para que a educação do assentamento não se limite a teorizar diferenças importantes, cada um dos aspectos do processo educativo é avaliado e trabalhado para que possa estar coerente com a proposta do MST para a educação. A própria ideia de aprendizagem surge como um processo consciente, de evolução as pessoa e da sociedade.

A aprendizagem é, verdadeiramente, a nossa própria vida. E como tanta coisa é decidida dessa forma, para o bem e para o mal, o êxito depende de se tornar consciente esse processo de aprendizagem, no sentido amplo e “paracelsiano” do termo de forma a maximizar o melhor e minimizar o pior. (Mészáros, 2005, p.48)

Pensar a educação numa ótica de superação da lógica capitalista necessita muito esforço coletivo e aprofundamento teórico. Mészáros (2005, p.59) explica que “Sem um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangente como “a nossa própria vida”, a educação formal não pode realizar as suas muitas aspirações emancipatórias.”

Emancipar-se não apenas como pessoa, mas também como grupo social que está preso a um sistema desigual, é um dos grandes desafios encontrados pelas escolas do MST e por sua proposta de educação. A seguir, busca-se relatar a organização do Assentamento Conquista na Fronteira do MST, tido como um assentamento modelo, para melhor compreender as condições intra e extra-escolares necessárias para que um projeto de educação tão diferenciado como este seja posto em prática.

2.2 EDUCAÇÃO COMO UM PROJETO COLETIVO: O EXEMPLO DO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA

Este trabalho não se preocupa em relatar dados quantitativos em relação à escola ou à educação no assentamento, mas sim busca compreender a relação entre a educação e a comunidade assentada. Conhecendo a base teórica da educação no local, quer-se agora compreender os instrumentos que permitem uma educação como um projeto coletivo, visando superar a educação capitalista que individualiza as pessoas e os grupos sociais.

O Assentamento Conquista na Fronteira tem toda sua organização permeada por comissões, que são responsáveis por diferentes setores da vida coletiva. Há inclusive uma cooperativa que serve como representação jurídica e como apoio à organização interna, também envolvida nas comissões. Assim como a produção e a saúde, a educação também conta com uma comissão específica que é responsável por promover os debates e dar conta dos problemas em relação à educação.

Além dessa comissão, o Assentamento conta com uma escola de educação básica, a Escola Construindo o Caminho. Assim como o nome é bastante sugestivo, também a proposta de educação desenvolvida no assentamento é bastante diferenciada do que comumente vivenciamos. Buscaremos aprofundar a base teórica da educação escolar no Assentamento no próximo subtítulo, passando agora à compreensão da relação entre comunidade e educação.

Uma educação diferenciada só acontece no Assentamento Conquista na Fronteira devido à “organização interna da Cooperativa, administrada pelas comissões, com aprovação em Assembleia pelas famílias e pela distribuição da produção, onde as famílias recebem igualmente por aquilo que trabalham.” (FONTANA, 1999, p.100).

A forma de organização coletiva da força de trabalho, dos meios de produção e a propriedade coletiva sobre a terra fazem com que a organização social exerça forte influência sobre a educação.

A partir da coletividade no trabalho e na produção, as famílias, por meio da cooperativa, administrada pelo próprio assentamento, perpassam em todas as relações, principalmente na educação, a dinâmica do coletivo com atividades voltadas para essa filosofia pedagógica. (FONTANA, 1999, P.100).

Dentro da escola fica clara a influência da organização da comunidade, pois a própria escola conta com comissões. Nessas, os alunos são desafiados ao comprometimento com o coletivo, envolvendo-se em tarefas cotidianas importantes para o funcionamento da escola.

Baseando-se nas ideias de Anton Makarenko (1986), o MST e a escola Construindo o Caminho propõem-se a unir trabalho físico e intelectual. Acredita-se que os processos laborais na escola sejam importantes para eliminar a divisão entre trabalho intelectual e trabalho físico. Dessa forma, os alunos são constantemente envolvidos em trabalhos de limpeza e higiene do espaço físico da escola.

Porém, isso não significa um desligamento das questões teóricas, visto que o mesmo autor usado como base, afirma que:

Podeis obrigar a trabalhar uma pessoa quando quereis, mas se ao mesmo tempo não educais política e moralmente, se esta pessoa não participar na vida social e política, o trabalho será simplesmente um processo neutral que não dará resultado positivo algum. (MAKARENKO, 1986, p.57)

Percebe-se a importância da participação social, pois a comunidade ajuda a escolher os temas prioritários para a escola. Através de núcleos de debates e discussões em Assembleias, a comissão da educação constrói com a comunidade um plano de ensino para as crianças da Escola Construindo o Caminho. Até mesmo eventuais penalidades por atitudes que não são aprovadas são elaboradas em conjunto. Fontana (1999, p.104) explica que:

Todas as penalidades e regras da escola estão escritas no Regimento Interno do Setor de Educação do Assentamento. As normas prescritas são originárias de discussões nos núcleos e aprovadas em Assembleia, portanto é por esse motivo que as crianças assimilam as eventuais penalidades.

Porém, essa influência da comunidade sobre a educação não se limita à escola que há no assentamento ou então à educação básica. Após a conclusão do ciclo básico da educação, os jovens deslocam-se até uma escola estadual em uma comunidade vizinha, para então cursar o ensino médio. Nesse momento o apoio da comunidade é

fundamental, pois as diferenças entre os fazeres pedagógicas são tão grandes, que muitos jovens querem desistir da formação escolar.

Porém, resistindo às diferenças do ensino no assentamento e do ensino regular tradicional, os jovens também têm a possibilidade de ingressar no ensino superior. Quando há este interesse, a própria cooperativa do assentamento subsidia a formação superior. Os recursos da coletividade são usados para esse fim, por acreditar que a formação do jovem seja fundamental para a continuidade do processo coletivo do assentamento. Porém, o jovem precisa também comprometer-se em retornar ao assentamento para, com seus conhecimentos acadêmicos, contribuir para a qualidade de vida na comunidade.

Além dessa forte influência da comunidade sobre a escola, apontando as necessidades e possibilidades de ensino, também é grande a influência da escola sobre a comunidade. A reflexão sobre as necessidades e prioridades da escola acaba influenciando também na cooperativa e no assentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a educação como um processo de ultrapassar fronteiras e barreiras é, sem dúvida, o sonho de muitas pessoas. Porém, em uma sociedade que condiciona e impõe julgamentos de valor, a educação costuma distanciar-se deste ideal. O que se vê hoje, é uma educação limitada aos valores capitalistas e já seguindo a mesma lógica de mercado: sendo comprada e vendida, dando melhores oportunidades a quem possui mais condições financeiras, estabelecendo metas quantitativas.

A educação nos movimentos sociais aponta em outra direção. Especialmente o projeto de educação do MST, revela-se como um marco para se repensar a educação brasileira. Dois aspectos destacados no decorrer do texto precisam ser claramente reconhecidos: a educação para além da sociedade capitalista em que vivemos e a educação como um projeto coletivo.

A educação, para além dos moldes capitalistas é o que István Mészáros propunha na obra “A educação para além do capital”, talvez sem imaginar que um movimento social já buscasse uma prática educativa neste sentido. Não perceber a educação como mais uma mercadoria da lógica capitalista, mas sim como um grande instrumento de autonomia e liberdade.

Já a percepção da educação como um projeto coletivo é nítida no Assentamento Conquista na Fronteira, pois há grande envolvimento entre escola e comunidade. Este envolvimento é reconhecido em todos os setores da vida social e faz com que, inclusive, se busque pagar o ensino superior para os assentados interessados.

Reconhecer estas características da educação no MST e da educação no Assentamento Conquista na Fronteira é indispensável para quem busca transformar a educação de nosso país. Uma educação que ultrapasse as barreiras impostas pelo sistema capitalista e que seja reconhecida como um dever e uma conquista de todos pode, com certeza, ser um dos grandes alicerces das mudanças que tanto o Brasil necessita.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete,; STÉDILE, João Pedro. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FONTANA, Airton. **Construindo o caminho: uma educação orgânica**. São Miguel do Oeste: Editora Gráfica McLee, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAKARENKO, Anton. **Problemas da Educação Escolar: experiência do trabalho pedagógico**. Moscou: Progresso, 1986.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

TORRES, Carlos Alberto. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.